

O MIDRASH COMO FORMAÇÃO E EXEGESE DO NOVO TESTAMENTO

Raimundo Pereira de Sousa¹

CCEJ - SP

Resumo

O autor tem como objetivo apresentar um estudo sobre o midrash como formação e exegese do Novo Testamento. Destacando o midrash enquanto método de leitura e exegese utilizado pelos hagiógrafos neotestamentários, para proclamar e confirmar o cumprimento da Escritura na pessoa do Cristo morto e ressuscitado e sua atualização teológica e moral, bem como sua contribuição na formação do Novo Testamento, uma vez que o mesmo nasce e se configura no seio do judaísmo. Na verdade, os primeiros cristãos, como cultura judaica, não criaram um modo próprio de leitura e interpretação das Escrituras, mas fizeram uso do método existente nas sinagogas para difundir a proclamação cristã. A diferença está na chave interpretativa. Para o judaísmo, a Escritura (Torah Oral e Torah Escrita) é a Palavra de Deus, que, lida, relida e atualizada, é o princípio normativo e jurídico que conduz a vida do povo. O midrash é a própria Escritura revelada que, através da cadeia de transmissão, será atualizada de geração em geração como resposta aos acontecimentos presentes. Para os cristãos, o que ocupa o centro de sua atenção é o acontecimento: Jesus Cristo. Nele e por ele a Torah obteve o seu cumprimento. Por isso, o midrash cristão é caracterizado como o *midrash de cumprimento*: parte do dito frontal de Cristo e recorre ao Primeiro Testamento para explicá-lo e confirmá-lo. Nesse sentido, podemos dizer que o Novo Testamento é uma releitura do Primeiro Testamento a partir da fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado.

Palavras-chave: Midrash, exegese, Escritura, judaísmo, cristianismo, Novo Testamento.

¹ Professor de Filosofia do Estado de São Paulo.

Pós-graduação em Ensino Religioso, Práticas Pedagógicas em Ensino das Religiões pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos.

Pós-graduação em Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCEJ) – UNIFAI. Graduação em Filosofia - Centro Universitário Assunção UNIFAI

pereira_tnk@yahoo.com.br

1 Introdução

Ao falar do *midrash* e seu desenvolvimento no processo de formação do Novo Testamento, faz-se necessário compreender e conhecer o judaísmo, seus métodos exegéticos de ler e interpretar as Escrituras, bem como seu critério hermenêutico como condição indispensável para obter um bom resultado da leitura e interpretação dos textos no Novo Testamento. Todavia “a formação dos textos neotestamentários e a interpretação que fazem do Primeiro Testamento somente são compreensíveis a partir de um conhecimento prévio dos procedimentos e das tradições exegéticas da hermenêutica judaica.” (BARRERA, 1996, p. 20).

Muitas abordagens do texto bíblico, através do procedimento midráshico, já foram e estão sendo desenvolvidas. O reconhecimento da Pontifícia Comissão Bíblica (PCB, 2002), das raízes judaicas do qual nasceu o cristianismo, a publicação da Revista de Interpretação Bíblica latino-americana, com o tema Leitura Judaica e Releitura Cristã da Bíblia (Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, nº 40), e do livro de Marie Vidal (VIDAL, 2000), e outros, têm nos mostrado o quanto é importante conhecer o judaísmo, seu método próprio de ler a Escritura, para melhor compreender o cristianismo, uma vez que o mesmo nasce e se configura no seio do judaísmo.

Este conhecimento se faz necessário pelo fato de que o Evangelho, antes de ser consignado por escrito, foi anunciado e pregado (1Cor 15,1-3), acolhido pelos ouvintes como Palavra de Deus (1Tm 2,13), inicialmente como Tradição Oral, e, mais tarde, como Tradição Escrita .

Portanto, o cristianismo possui uma relação com o judaísmo de dependência e não de comparação. A percepção dessa relação se faz necessária, uma vez que os próprios conceitos cristãos, para expressar a fé em Jesus Cristo, são elementos típicos do Judaísmo, do qual descende o Cristianismo. O próprio Jesus de Nazaré ensinava segundo as Escrituras, e as primeiras comunidades exprimiram sua fé no Cristo que morreu segundo as Escrituras, ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras (1 Cor 15,3-5.11). Na verdade, a Igreja nascente não cessa de afirmar que Jesus de Nazaré veio para cumprir as Escrituras.

Para o escritor Elio Passeto, há uma perda dessa relação, e a perda da consciência dessa relação se deve, muito provavelmente, a dois motivos históricos: “O primeiro reside no fato de que o cristianismo conheceu sua expansão e desenvolvimento no mundo grego-romano, de cultura helenística; o segundo é consequência do primeiro. O Novo Testamento foi fixado como tradição escrita na língua grega” (PASSETO, 1995, pp. 8-20).

Sabemos que, sem este conhecimento profundo do Judaísmo, o chão do qual nasceu e se desenvolveu o cristianismo, a exegese dos textos neotestamentários se torna incompleta. Isto porque o cristianismo não pode ser pensado como a realidade paralela em relação ao Judaísmo, mas sim como a relação de dependência. Porque “Somos distintos um do outro, mas não independentes.” (PASSETO, 1995, p. 9). Por isso, ao buscarmos as origens do cristianismo, devemos aplicá-las em primeiro lugar, no interior do Judaísmo, do qual a proclamação cristã conheceu sua expansão no interior das sinagogas, na terra de Israel e na diáspora.

1 Midrash

Midrash vem da raiz hebraica דרש (**darash**) que significa buscar, investigar, estudar, examinar, explicar, interpretar a Escritura. É frequente sua ocorrência na Bíblia enquanto significado de busca, investigação. (Dt 13,15; Esd 7,10; Is 55,6; Am 5,4; 6; 14; Sl 34,6 etc.). Mas, *Midrash*, enquanto substantivo, encontra-se, pela primeira vez, em 2Cr 13,22 e 24,27. Contudo, o sentido nos dois textos é incerto. O sentido geral do termo é “busca-procura”, com o duplo matriz de “estudo”. O *midrash*, no sentido de “busca” e “procura” é utilizado, quando a Escritura se refere à procura ou à busca do Senhor: *Procurai o Senhor enquanto pode ser encontrado; e procurei o Senhor, e Ele me respondeu* (Is 55,6; Am 5,4; 5,6; 14; Sl 34,6).

O verbo *darash* implica numa pesquisa intensa e num esforço inerente à vontade de encontrar o procurado. Aplicado à Escritura, significa pesquisar o sentido da Palavra de Deus quanto à teologia e quanto a prática e, em última análise, procurar o próprio Deus em sua Palavra.

Obviamente esta “busca” precisa de um espaço concreto para ser realizada. É no texto de Ben Sirac (Eclo 51,23) que o *midrash* aparece como uma atividade realizada na “Casa de Estudo” – בית המדרש. É por isso que encontramos na literatura rabínica “o estudo da *Torah* e da exegese como uma das principais atividades desenvolvidas na casa de estudo” (PÉREZ, MARTINÉZ, FERNÁNDEZ, 2000, p. 429).

Na *Mishná*,² o termo *midrash* aparece como “estudo e interpretação do texto” e “estudo e exposição da Bíblia”, ou “explicação e aplicação” de um determinado texto. Na antiga

² Mishnah (hebr. “Repetição”): Corpo da legislação oral judaica, compilada até o ano 200 d.C e estruturado por matérias em 62 tratados, classificados em 6 ordens, referentes à agricultura, festas, mulheres e famílias, danos à

literatura rabínica o termo designa tanto “o resultado do estudo quanto uma obra literária que resulta do estudo interpretativo de um texto da Escritura” (PÉREZ, FERNÁNDEZ, 2000, p. 430).

Esse minucioso trabalho se deve aos Mestres da *Mishnah* e do *Talmud*³ que durante os cinco primeiros séculos de nossa era se dedicaram exclusivamente ao estudo e interpretação da *Torah* (RATHAUS, p. 1). Afirma Rennée Bloch:

É este estudo da *Torah*, cuja finalidade era compreender o sentido de cada termo, de penetrar no espírito do texto a fim de tirar a significação profunda para a aplicação prática, que se designaria pelo nome de midrash ou, mais exatamente, midrash Torah, que se traduziu livremente por “estudo da *Torah*” (BLOCH, p. 6)

Segundo Agustín Del Água Pérez, a literatura tradicional utiliza o conceito de *midrash* com três sentidos técnicos distintos: primeiro o da *Investigação* que, semanticamente, incorpora o sentido de buscar, investigar e estudar, se refere, ao processo da atividade pelo qual se determina a interpretação do texto bíblico. Segundo, os *Resultados* desta investigação: o indagado, o investigado, o compreendido. Em terceiro lugar indica as *Coleções* do material midráshico, obtido através das investigações bíblicas (Midrash Gênesis Rabbah, Sifré Números, Levítico Rabbá).⁴

No judaísmo antigo, o *midrash* é apreendido como Exegese e Hermenêutica. Para Díez Macho, “o *midrash* é Exegese, enquanto busca o sentido da Bíblia, e é Hermenêutica, enquanto utiliza técnicas e procedimentos determinados”.⁵ Partindo do princípio de que a *Torah* é “ensinamento e prática”, o trabalho dos intérpretes, ao perscrutar a Escritura, buscando nela o ensinamento atualizado para a vida da comunidade, desenvolveu-se dois tipos de *midrash*: *midrash halakah*⁶ e o *midrash haggadah*.⁷ Na verdade, o sentido de

legislação civil, objetos sagrados e normas rituais. (TREBLLÉ BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*. Introdução à história da Bíblia. P. 697)

³ Talmud: “ensinamento”: Comentário sistemático da Mishnah, compilado entre 200 e 600 d.C. O mesmo termo refere-se às duas coleções diferentes. O “Talmud de Jerusalém” (Yrushalmi), composto até o ano 400 d.C e o “Talmud da Babilônia” (Babli), composto até o ano 600 d.C. (TREBLLÉ BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã...*, p. 699).

⁴ O autor afirma que a exegese Midráshica é aplicada aos diversos *gêneros literários* como: *gêneros haggádicos* como Targum (comentário); Homilias Sinagogas; Midrashim Rabbot e outros, bem como os *gêneros Halálicos*, os Midrashim: Mekilta (s/ Êxodo), Sifrá (Levítico), Sifré (Números e Deuteronômio), como o Mishná, Tosefta e na época mais tardia os Talmudim. (Cf. ÁGUA PÉREZ. *El método midrásico...*, p.35).

⁵ DÍEZ Macho, A. *Deras y exégesis del Nuevo Testamento*, pp. 37-41.

⁶ Halakah: da raiz - halak, “ir, caminhar, andar”. Gênero da interpretação midráshica que consiste em extrair uma norma legal a partir de uma citação da Escritura. Encontra-se desenvolvido nas obras de Sifré de Lv, Sifré de Nm e Sifré de Dt. (TREBOLLE, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã...*p. 125).

halakah vem do radical הלך, “andar”, “caminhar”. Daí resulta o sentido de preceito, lei ou norma de conduta, que implica sempre numa maneira de andar, segundo os caminhos do Senhor e os preceitos da *Torah*. *Haggadah*, por sua vez, vem do radical נגה (narrar, contar, relatar) diz respeito a tudo o que, na área da interpretação, não visa à norma de conduta, mas sim as crenças, à teologia.

Na verdade, de acordo com a índole desses tipos de *midrash*, a *halakah* se referia quase que exclusivamente ao Pentateuco,⁸ enquanto que a *haggadah* se estendia a qualquer livro da Bíblia hebraica. Com o passar a se chamar *midrash*.⁹

Para o autor Domingo Munõz, além desses “dois tipos: *midrash halakah* e *haggadah*, o *midrash* também aparece na literatura rabínica classificado de acordo com suas categorias e funções tais como”:¹⁰

- a) *Midrash-Derás Explicativo*: trata-se da interpretação do texto. Em grande parte o Targum, pelo seu caráter homilético, se apresenta com uma forma de *midrash* explicativo.
- b) *Midrash-Derás Exegético*: é uma forma de *midrash* explicativo que consiste no comentário do texto bíblico em forma continuada, dos versículos selecionados.
- c) *Midrash-Derás Confirmativo*: é o recurso à Escritura com finalidades de confirmar um acontecimento. O midrash neotestamentário, é o midrash confirmativo, pois ele trata de recorrer às Escrituras para confirmar a proclamação do seu Kérigma.
- d) *Midrash-Derás Justificativo*: embora possua pontos comuns com o confirmativo, seu interesse maior se concentra na busca de um texto bíblico que justifique a posição de um determinado comportamento.
- e) *Midrash-Derás Apologético*: trata-se do emprego do texto bíblico para defender uma opinião.
- f) *Midrash-Derás catequético*: emprega o texto bíblico com a intenção de extrair os ensinamentos essenciais para a fé e o comportamento humano.

⁷ Haggadah (plural Haggadot). Vem do verbo Lehaguid “narrar, contar, referir”. Gênero da interpretação midráshica realizada sobre narrações bíblicas. Aparece desenvolvida nas obras de Gênesis Rabbah e Levítico Rabbah. (TREBOLLE, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã...*p. 696).

⁸ Pela simples razão que é no Pentateuco que se encontram os mandamentos.

⁹ VARQUEZ, Bernardino V. *El Midrash em la historia de la exégesis hebbrea*, (Cf. Kairós nº 16, p. 47).

¹⁰ MUNÓZ, León. *Deras, los caminos y sentido de la palabra...*, pp. 28-30.

- g) *Midrash-Derás* ilustrativo: pretende buscar na Escritura exemplos de comportamento ou de ilustração de um ensinamento, segundo a finalidade aplicada.
- h) *Midrash-Derás* Homilético-Exortativo: trata-se do emprego das Escrituras indicando a relação com a situação presente, tanto no aspecto litúrgico (Memorial), como na exortação aos ouvintes para a compreensão e adesão aos ensinamentos da palavra divina. O targum participa do caráter homilético pelo seu aspecto de leitura litúrgica e pela sua permanente instrução, edificação e exortação.

É nesse sentido de busca, investigação, exposição e aplicação da Bíblia na vida do povo que compreendemos as formas ou categorias do midrash como leitura e interpretação hermenêutica na formação das Escrituras.

2 O Midrash na formação do Novo Testamento

É sabido, pela escritura e tradição, que desde o início da época apostólica, os adeptos do caminho (At 9, 2; 16 17; 18,25. 26; 19,9. 23; 22,4; 24,14. 22) ou os chamados cristão na cidade de Antioquia (At 11,26), sistematizam sua teologia a partir da fórmula teológica. *Segundo as Escrituras* (Mt 1,22; 2,15. 17. 23; 4,14; 8,17;12,39; 13,18; 14,35; 21,4; 27,9; Lc 18,31; 24,32.45; Jo 5,39; 12,38; At 13,14.15; 17,11; 1Cor 15,3-4; 2Pd 3,16) cujo cumprimento é o Cristo morto e ressuscitado.

É da necessidade de fundamentar a proclamação da fé cristã na Palavra de Deus, isto é, a Revelação do Sinai, que surge o midrash cristão como método de interpretação e atualização das Escrituras, segundo as circunstâncias presentes. Contudo,

É nesse movimento de expressão da fé cristã e de sua relação com o texto da Escritura, que uma parte se constitui em um corpo escrito e outra parte se transformou em Tradição Oral cristã. Este “corpus” propriamente cristã não é autônomo, a linguagem, o método, os elementos para expressar os conteúdos cristãos são fundamentalmente extraídos da tradição judaica. (PASSETO, 1995, p.12)

Nesse sentido é que a Pontifícia Comissão Bíblica afirma que “sem o Antigo Testamento, o Novo Testamento seria um livro indecifrável, uma planta privada de suas raízes e destinada a secar”. (PCB, 2002, pp. 235)

Para Renneé Bloch, “o modo rabínico de conceber e compreender os textos sagrados, bem como suas técnicas midráshicas, estão presentes tanto nos evangelhos como nos outros escritos neotestamentários”. (BLOCH, p. 18) Vejamos alguns dos inúmeros exemplos:

A visita dos magos (Mt 2,1-12) reflete o astro que procede de Jacó (Nm 24, 17); Lc 22, 20 retomado por 1 Cor 11, 25, a Instituição da Eucaristia como a Nova Aliança que, à luz Êxodo (12,15), ressalta a questão do memorial; Marcos 15,24 reflete o Salmo 22,19, referindo-se à sorte lançada sobre a veste; João 3,14-15 refere-se à serpente de bronze elevada por Moisés no deserto em Nm 21,4-9; At 2,1-13, a festa de Pentecostes remonta à comunidade do Sinai (Ex 19); A multiplicação dos pães (Mt 14,13-21; Mc 6,32-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15) retoma a profecia do milagre de Elias (1 Rs 17,7ss; 2Rs 4,42-44); o encontro de Jesus com os samaritanos em Jo 4 remonta a Gn 24,10ss; 29,1s; Ex 2,15s.

E assim, sucessivamente, vamos percebendo que a literatura neotestamentária nasce e se configura a luz da Escritura e da literatura rabínica. É por isso que a autora Rennée Bloch afirma que todas as formas do midrash utilizadas na literatura rabínica são encontradas no Novo Testamento: “Tanto a busca midráshica sobre uma figura, um evento ou um conjunto de textos da bíblia; como o desenvolvimento midráshico a partir de um texto; a atualização midráshica dos textos antigos para aplicá-los ao presente; o midrash homilético e o midrash halahah”.(BLOCH, p. 19)

É nesse contexto que podemos afirmar o papel fundamental do *midrash* na formação do Novo Testamento: relendo e reinterpretando a *Torah* dentro de uma nova realidade, buscando respostas para compreender o momento presente. Essa interpretação foi sendo amadurecida aos poucos, tornando-se progressivamente, as Tradições orais cristãs, que posteriormente deram origens às Tradições escritas que formam o Novo Testamento.

Na verdade, os primeiros cristãos, judeus que eram, não criaram um modo próprio de leitura e interpretação das Escrituras, mas fizeram uso do método existente nas sinagogas para difundir a proclamação cristã.

3 O Midrash como exegese do Novo Testamento

É sabido que a leitura exegética rabínica das Escrituras possui suas raízes e fontes no período do final do I e início do II século de nossa era. Segundo Barrera “Era costume ler a Torah na manhã de sábado, no I século, era comum, tanto em Israel (At 15,21) como na diáspora (Filon, de Somniis 2,127)”(BARRERA, 1996, p.141). O próprio texto do evangelho de São Lucas (4,14-22) ressalta este costume de ler a Escritura aos sábados nas Sinagogas. “Jesus ensina nas sinagogas ao modo da cultura do mundo circundante”. (PCB, 2002, p.53) Este procedimento é muito claro em Lucas 4,14-22, mostrando que Jesus entrou, em dia de sábado na Sinagoga, onde lhe foi entregue o livro da *Torah*, com a profecia de Isaías (Is 61,1-2). Jesus faz a releitura do texto e, através do *midrash*, afirma que *hoje essa profecia se cumpriu. Na verdade*, “o específico desta releitura é que ela é feita à luz de Cristo”. (PCB, 2002, p.53)

O midrash como exegese cristã, segundo Agustín Del Água Pérez é encontrado na passagem de Lucas 24 (“os discípulos de Emaús”) sob três aspectos fundamentais: destaca por primeiro a palavra “**hermenêutica**” aplicada claramente a interpretação midráshica cristã da Escritura hebraica. Em segundo lugar, confirma a **pessoa de Cristo** como centro do acontecimento, compreensão que se verifica com a ajuda do Primeiro Testamento. O terceiro aspecto se refere à **Escritura** como um todo; todo o Primeiro Testamento faz referência e converge, como uma grande corrente, em Cristo”. (PÉREZ, 1985, pp. 86-87)

Faz-se necessário salientar que o modo deste procedimento *midráshico* utilizado pelos hagiógrafos neotestamentários difere do modo rabínico no seguinte aspecto:

Para o judaísmo, a *Torah* é a revelação por excelência e a forma de compreender, isto é, perscrutar o próprio texto e, através do midrash, atualizá-lo enquanto que, para o cristão, o foco de sua atenção é o acontecimento na Pessoa de Jesus de Nazaré”. (PÉREZ, 1985, p. 85)

Nele se dá o cumprimento de toda a Torah. Pra Munõz Leon, “a característica principal do midrash cristão parte da proclamação deste cumprimento, buscando a confirmação na Escritura”. (MUNÕZ, 1987, p. 55)

A diferença entre o *midrash* cristão e o *midrash* judeu reside no fato de que, para o judaísmo, a Escritura (*Torah* Escrita e *Torah* Oral) é a Palavra de Deus que lida, relida e atualizada, é o princípio normativo e jurídico que conduz a vida do povo. O *midrash* é a

própria Escritura revelada que, através da cadeia de transmissão, será atualizada de geração em geração como resposta aos acontecimentos presentes.

Para os cristãos, o que ocupa o centro de sua atenção é o acontecimento Jesus Cristo. Nele e por ele a *Torah* obteve o seu cumprimento. Por isso, o *midrash* cristão é caracterizado como o *midrash* de *cumprimento*: “parte do dito frontal de Cristo e recorre ao Antigo Testamento para explicá-lo e confirmá-lo. O texto a Palavra de Deus que explica o dito é tirado de seu contexto para ser referido ao ministério de Jesus” (PÉREZ, 1985, pp. 84-85). A natureza específica do *midrash* neotestamentário reside no fato de ser um *midrash* do *Cumprimento Messiânico*. Para essa afirmação é que se buscam na Escritura (Primeiro Testamento) a explicação e a confirmação. Contudo, os autores Lenhardt e Collin, afirmam que “Jesus é aquele que transmite a tradição, e é, ao mesmo tempo, essa Tradição” (COLLIN; LENHARDT, p. 48). Nele a *Torah* ganha seu cumprimento definitivo. Todavia, o *midrash* tanto no judaísmo como no cristianismo, é sempre uma leitura atualizante do texto no seu contexto.

Porém, é preciso lembrar que, embora haja diferenças entre os modelos, como veremos a seguir, todos têm como fundamento: “o cumprimento das Escrituras”. Assim sendo, o autor identifica três esquemas distintos de *midrash* nos escritos neotestamentários. (COLLIN; LENHARDT, pp. 89-96).

- a. Modelo promessa – cumprimento;
- b. Inserção – substituição;
- c. Oposição/ contraposição.

a) Modelo promessa – cumprimento

O modelo promessa – cumprimento trata do recurso midráshico do Primeiro Testamento, frequentemente utilizado e difundido no do Segundo Testamento. Consiste em considerar as Escrituras como anúncio, prefiguração, profecia e/ou promessa da pessoa e figura de Cristo. Para tal afirmação é que os hagiógrafos recorrem à tradição, buscando nos textos a iluminação que sirva de anúncio ou prefiguração do acontecimento escatológico cumprido em Jesus de Nazaré. Trata-se de uma autêntica releitura do Primeiro Testamento verificada do ponto de vista da fé em Jesus. Vejamos alguns exemplos dos textos do Segundo Testamento nos quais se atribuem a Jesus as tradições messiânicas do Primeiro Testamento. É comum encontrarmos nos escritos neotestamentários o título de *Filho do Homem* (Mt 13,36-43; 24,30; 25,31; Mc

8,38; 13,26-27; Atos 7,56; Ap 1,13), aplicado por Jesus mesmo, tirado da tradição apocalíptica por meio de um procedimento *Pêsher*.¹¹ Igualmente em outros textos, Jesus é proclamado o Messias segundo o *messianismo davídico* (2 Sm7; Is 6-12; 7,10-16; 9,1-7 ; 11,1-9; Mq 5,1-4; Lc 1,32-33; Mt 21,9) e *Filho de Abraão* (Mt 1,1), bem como, os textos que afirmam a prefiguração de Cristo na figura do *Servo Sofredor do Dêutero-Isaías* (Is 42,1-7; 49,1-6; 50,4-9; 52,13; 53,12). Na mesma linha de pensamento, a tradição do melquisedec, Sumo Sacerdote, é usado como tipologia da carta aos hebreus para expor o sacerdócio de Cristo (Hb 7; remonta o Targum *Neophyth* I Gn 14,18 e a serpente de bronze elevada por Moisés no deserto, como prefiguração da elevação de Cristo na Cruz (Nm 21,4-9; Jn 3,14-15, 8,28ss; 12,32-24; 19,37).

Uma outra fórmula de interpretação do procedimento *Pêsher* se dá na afirmação: “*isso ocorreu para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas* (Mt 1,22; 2,5b-6.15b.17-18.23b; 3,3; 4,14-16; 8,17; 12,17-21; 13,14-15.35; 21,4; 27,9; Lc 18,31; Jo 12,38.), ou ainda, *para que se cumprisse a Escritura* (Jo 12,38-40; 15,25; 17,12; 18,9; 19,24. 28.36; Lc 4,21; 22,23).

b) O segundo modelo, inserção – substituição.

Este modelo inserção – substituição parte do conteúdo e componentes da Escritura que constituem a Aliança Antiga, utilizada midrashicamente para definir a Nova Aliança. Através do *espírito da aliança*, a história dos atos salvíficos de Deus recebe sua culminância na Pessoa do Cristo morto e ressuscitado, reconhecido agora pela comunidade cristã como a “Nova Aliança”.

Faz-se necessário destacar que há uma pequena diferença entre o *midrash* da promessa e cumprimento, para o midrash modelo de inserção – substituição. O primeiro trata da busca no texto, de imagem que pode servir de promessa – anúncio ou prefiguração na Pessoa de Jesus, enquanto que, o segundo tem a função de expressar o conjunto do acontecimento: Jesus Cristo, a partir dos componentes da Antiga Aliança (PÉREZ, 1985, pp. 92-94). Portanto, o modelo inserção – substituição é expresso midrashicamente através da categoria cristológica e eclesiológica.

A Igreja é apresentada como Povo de Deus, o *Novo Israel* baseado na transposição midráshica dos conceitos próprios do antigo Israel: *Povo, Reino, Aliança e Lei (Torah)*. O *grupo dos doze*, representando a totalidade da comunidade, é transposto das *doze tribos de*

¹¹ Peshar (hebr. Plural “pesharim”): interpretação de uma passagem do AT, dos livros proféticos ou Salmos, relacionando-o com acontecimentos ou personagens da época escatológica que o intérprete crê estar vivendo. TREBOLLE BARRERA. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*. p. 697.

Israel. A instituição da Aliança com o novo povo de Deus se confirma na última ceia como o banquete da Nova Aliança (Lc 22,20; Mc 14,24; Mt 26,28; 1Cor 11,25). A comunidade de Pentecostes forma o *Novo Povo*, em paralelismo midráshico com a comunidade do Sinai (Atos 2,1-12; Ex 19).

O tema da *Nova Aliança*, reconhecido como o Novo Povo, e a *Nova lei*, se encontram desenvolvidos midrashicamente pela teologia de João nos discursos da Hora (Jo 2,5; 7,30; 8,20; 12,23.27; 13,1; 17,1). A carta de Pedro e o Apocalipse mencionam a Igreja a partir da Tradição do Êxodo, *reino de sacerdotes e nação santa* (Ex 19-24). Finalmente, a Carta aos Hebreus (Hb 7-8) dedica uma larga *haggadah* à Nova Aliança (conteúdo de Jeremias e Ezequiel) na pessoa de Cristo, o Sumo Sacerdote, por meio de seu próprio sangue, o *Sangue da Nova Aliança*.

Já o *midrash* cristológico se caracteriza por apresentar de modo geral a pessoa de Jesus de Nazaré como o Cristo. Contudo, o fato de Jesus de Nazaré ser apresentado como o Cristo (**χριστοφ**) constitui-se num aspecto importantíssimo do *midrash* cristológico. Foi precisamente para interpretar a pessoa de Jesus de Nazaré, como o Cristo encarnado, que os cristãos recorreram à Escritura, buscando os atributos, nomes e ações aplicados ao Deus de Israel.

Estes atributos, transportados ao Novo Testamento, afirmam e confirmam a divindade de Jesus através do título: o Senhor.¹²

Este recurso midráshico de atualização por substituição possibilitou à comunidade primitiva a confissão de sua fé em ‘*Adonai –Iahweh* para o Cristo – Senhor. “Segundo Agustín Del Pérez o *Sitz im Leben*, de substituição midráshica, será com toda probabilidade o culto” (PÉREZ, 1985, p. 236). Outra transferência midrashicamente do nome de Deus encontramos na teologia do Quarto Evangelho com a expressão *Eu Sou*.¹³

Segundo Charles Harold Dodd, o sentido de (**εγω ειμι**) nos faz perceber que Deus deu seu próprio nome ao Cristo. Recorda, também, que o nome no Primeiro Testamento está

¹² Do grego **κυριοφ**. No Primeiro Testamento se invocava a Iahweh com o título de `Adonî (meu Senhor) que adota habitualmente a forma de `Adona (y) (plural de intensidade) pronunciado por Abraão em Gn 15, 2-8. Convertendo-se no próprio nome de Deus. Com respeito a pronúncia ao tetragrama (YHVH se lê substituindo por). `Adonai. Esta é a razão em que os LXX, numa primeira interpretação derásica-midráshica, traduzem YHVH por **κυριοφ** atribuindo a Jesus um título de soberania divina (ÁGUA PÉREZ. *El método Midráshico...*, p. 236).

¹³ Do grego **εγω ειμι** – Jo 8. 24. 28. 58. A expressão grega procede da tradição hebraica *`ani hû*. (Is 28, 12: “Eu sou, eu sou o primeiro e sou também o último” e Is 43, 10: “...”, “para que conheçais e creiais em mim, e entendais que eu sou”. Assim também: “You soy, you soy o que mostra vossas iniquidades” (Is 51, 12; 42, 6; e “Yo soy Yahveh (‘ani Yahveh – LXX **εγω ειμι**). (Cf. ÁGUA PÉREZ. *El Método Midráshico ...*, p. 237).

associado com a glória eterna de Deus. Assim sendo, a glória eterna de Deus,¹⁴ na teologia do Quarto Evangelho, é atribuída ao Cristo.

Na perspectiva deste esquema, há ainda muitos outros elementos midráshicos, tanto implícitos como explícitos, atribuídos a Jesus por toda a literatura neotestamentária. Vejamos, por ora, alguns exemplos na literatura de São João.

1. “Eu sou o bom Pastor”.¹⁵
2. “Eu sou o pão da vida... Eu sou o pão descido do céu”.¹⁶
3. “Eu sou a videira verdadeira”.¹⁷
4. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.¹⁸

c) O terceiro modelo oposição/contraposição

Este modelo se fundamenta na radicalização das exigências evangélicas em sua interpretação das prescrições da Torah, as quais são retomadas pelos hagiógrafos neotestamentários como contraposição ou oposição frente às realidades da Nova Aliança prefiguradas em Cristo.

São consideradas modelo oposição/contraposição “aquelas formulações que proclamam o cumprimento como marca de contraposição entre a realidade cumprida em Cristo e a realidade citada do Primeiro Testamento. Esta contraposição é considerada também como aquela que realça o caráter da novidade do Evangelho” (MUNHÖZ, 1987, p. 240). O procedimento midráshico deste modelo para expressar o cumprimento é abordado por meio de antíteses. Eis alguns exemplos das principais formulações de contraposição que encontramos no Segundo Testamento:

1. Não é o Maná, mas sim Cristo (Jo 6,27.32-33.38);
2. Não é aos descendentes – em plural – mas sim, à tua descendência – em singular (Gl 3,19);

¹⁴ DODD, Charles Harold. *A interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 129-133.

¹⁵ Em Jo 10, 11-18 o evangelista realiza o midrash de Ez 34, 1-16 e Jr 23, 1-4 (Cf. MUNHÖZ Leon. *Derás, los caminos e sentidos...*, pp...419 e 474).

¹⁶ Jo 6, 30-51 é interpretado sob a luz de Êxodo 16 o “Dom do Maná” reflete a prefiguração da Eucaristia e do mesmo Cristo como o pão descido do céu. A interpretação e a atualização do texto consiste em mostrar Jesus como o “Novo Êxodo”. Neste sentido, o Êxodo é uma etapa da história da salvação que culmina no Evangelho. (Cf. MUNHÖZ Leon. *Derás, los caminos e sentidos...*, pp. 434-436.

¹⁷ Jo 15, 1-8, o texto reflete midrashicamente a perícopa de Isaías 5, 1-6, que mostra a designação de Judá e Israel como a “Vinha do Senhor”. (Cf. MUNHÖZ Leon. *Derás, los caminos e sentidos...*, p. 465).

¹⁸ Jo 14, 16, é interpretado sob a luz de toda a Torah, as categorias: Caminho, Verdade e Vida, são assumidas pela comunidade de Israel como verdadeira realidade que conduz ao Senhor. A Torah é concebida por Israel como Caminho da Verdade que orienta a vida para o Senhor. É nesta perspectiva que João afirma ser Jesus a Torah – Palavra encarnada e revelada plenamente para aqueles (as) que queiram andar nos caminhos da verdade e da vida. (Cf. MUNHÖZ León. *Derás, los caminos e sentidos...*, p. 225; e p. 500).

3. Não em tábuas de pedra, mas sim em tábuas de carne do coração (2 Cor 3,3);
4. Não obras e sim a fé (Rm 3-4; Gl 2-3)
5. Não é o Monte Sinai, mas sim, A Jerusalém Celeste (Hb 12,18-34).

Em todas essas fórmulas, e em muitas outras que poderíamos examinar, se percebem que a contraposição/oposição aparece numa realidade ou situação prevista no Antigo Testamento, indicando sua incompatibilidade com a nova realização na situação cristã.

Também na teologia de Mateus se percebe que, através da fórmula: *Ouvistes o que foi dito, eu, porém vos digo* (Mt 5,21-48), a contraposição aparece através de antíteses, onde palavras de Jesus se contrapõem em relação ao ensinamento que as precede.

Para Lenhardt e Collin, o radicalmente novo, com base na continuidade, consiste no seguinte: “Jesus, difere do homilista judeu, ele não fala de si com a expressão *o Santo bendito seja ele*, mas apresenta-se a si mesmo, como aquele que ensina na primeira pessoa *“Eu, porém vos digo”*. (COLLIN; LENHARDT, p. 34). Ele fala como homem que reivindica a própria autoridade de Deus”.

Sem dúvida, o princípio que postula o recurso ao Primeiro Testamento emprega os três modelos ou esquemas do midrash cristão. Contudo, os três são aspectos de uma mesma e única realidade: afirmar que toda Tradição veterotestamentária converge para Cristo, em função do qual devem ser estudadas e investigadas as Escrituras. Para Água Pérez Agustín Del, “a sistematização a que se referem os três modelos propostos, não significa que se trate de estabelecer categorias puras. Pois nas composições ou unidades midráshicas, o recurso ao Antigo Testamento se verifica em ocasião segundo vários modelos” (PÉREZ, 1985, p. 95).

Considerações finais

Diante das variedades de formas de leitura das Escrituras já realizadas, e no desejo de conhecer e descobrir novas possibilidades de leituras das Escrituras o autor buscou por meio deste texto, um estudo sobre o *midrash* como formação e exegese do Novo Testamento, a fim de descobrir a importância e a relevância da Tradição hermenêutica judaica, buscando compreender como e porque os hagiógrafos neotestamentários recorreram a ela para a sistematização e elaboração teológica dos ditos de Jesus.

Na verdade, o caminho percorrido, por meio do *midrash*, nos fez perceber que o *midrash* (*darash*) é todo um conjunto de passos que proporciona ao exegeta o meio para que

possa entender, com maior clareza, o modo e a forma com que os hagiógrafos neotestamentários leram e compreenderam as Escrituras.

Percebemos que o *midrash*, enquanto método exegético, caracteriza-se por duas palavras-chaves: *atualizar* e *cumprir*. Foi a partir destas palavras que os hagiógrafos neotestamentários sistematizaram o seu *Kérigma*, a proclamação de sua fé.

O *midrash*, enquanto método exegético deve grande importância na formação e transmissão das Escrituras: primeiro no interior do Judaísmo que, através da leitura midráshica, desenvolveu toda uma técnica de interpretação, atualização e aplicação da *Torah* na vida cotidiana; segundo, no cristianismo que, através de seus leitores no contato com a Literatura Rabínica, procuraram apresentar a pessoa de Jesus Cristo morto e ressuscitado como o *midrash* por excelência. Ele é o princípio hermenêutico para a compreensão de toda a Escritura.

Referências

I - SAGRADA ESCRITURA:

BIBLIA DE JERUSALEM. Nova edição, revista ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIA – TRADUÇÃO ECUMÊNICA. (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

BIBLIA SACRA HEBRAICA ET GRAECA. Deutiche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1994.

BIBLE WORKS for Windows, na versão 6, em CD-ROM.

II - DICIONÁRIOS:

DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO. Harris, R. Laird; Areher, Gleason L. Jr; Waltke, Bruce K. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1989p.

DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO. Coere, Lothar, Brown, Colin. São Paulo: Vida Nova 2000, 1v, 1360 p.

DICIONÁRIO BÍBLICO. Mckenzie, John L. São Paulo: Paulus, 9ªed, 2005. 979p.

LÉXICO DO NOVO TESTAMENTO. Grego – Português. Gingrich, F. Wilbur; Frederick W. Danker (rev). São Paulo: Vida Nova, 2007. 228p.

III - OBRAS:

ÁGUA PEREZ, Agustín del. *El método midrasico y la exegesis del Nuevo Testamento*. Valencia: San Jerônimo, 1985. 337p.

AMÂNICO, Moacir. *O talmud*. São Paulo: 1995, 90p.

BEAUDE, M P. *De acordo com as Escrituras*. São Paulo: Paulinas, 1980. 76p. (Cadernos Bíblicos)

BERGER, KLAUS. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998. 363p.

BLOCH. *Escritura e Tradição*

COLLIN; LENHARDT. *Evangelho e Tradição*. São Paulo: Paulus

DOCUMENTOS SOBRE A BÍBLIA E SUA INTERPRETAÇÃO. (1893-1993). São Paulo: Paulus, 2004. 286p.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos lingüísticos históricos – críticos*. São Paulo: Loyola, 1944.

KETTERER, Eliane e Renand, Michel. *O midrax*. São Paulo, 1996. 126p.

LIMENTANI, Giacomina. *O midrax: como os mestres judeus liam e viviam a Bíblia*. Tradução por Bertilo Brod. São Paulo: Paulinas. 1998. 145p.

MUÑOS LEÓN, Domingo. *Derás: los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina em la Escritura*. Madrid, 1987.

PÉREZ, Aranda G., MARTINEZ, Garcia F. FERNÁNDEZ., Pérez M. *Literatura Judaica Intertestamentária*. Tradução por Mario Gonçalves. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2002. 239p.

RATHAUS, Ariel. *O Midrash. Uma Filologia e uma Historiografia “Criadoras”*, (tradução portuguesa: Vitório M. Cipriani)

SILVA, Cássio Murilo dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000. 515p.

TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996. 741p.

VADEMECUM, PARA O ESTUDO DA BÍBLIA. Associação laical de cultura bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000. 349p.

VIDAL, Marie. *Um judeu chamado Jesus: uma leitura do evangelho à luz da torá*. São Paulo: Vozes, 2000. 236p.

IV - ARTIGO

CIPRIANI, Vittorio M. *Escritura e Tradição no Judaísmo*. São Paulo: Seminário de Sion, 1983, 26p, versão portuguesa de: BLOCH, Renée. (*Écriture et Tradition dans Judaïsme, Cahiers Siniens, Paris: v, 8, n. 1, 1954*).

MUÑOZ LEON Domingo. *Princípios básicos de le exégesis rabínica*. Revista Bíblica, Buenos Aires: v. 60, n.2, 1998.

_____. *Derás y Nuevo Testamento. Estudios Bíblicos*, Madrid: v 46, 1988.

PASSETO, Elio. *La influencia de la tradición oral de Israel em la tradicion cristiana*. El Olivo Madrid: v. 19, n. 42, 1955.

VARQUEZ, Bernardino V. *El midrash em la história de la exégesis hebrea*. Kaitós. Guatemala: n. 16, 1995.